

PSICOLOGIA AMBIENTAL E PROBLEMAS AMBIENTAIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

PSICOLOGÍA Y PROBLEMAS AMBIENTALES: UNA REVISIÓN DE LITERATURA

ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY AND ENVIRONMENTAL PROBLEMS: A LITERATURE REVIEW

Isaac Pereira OLIVEIRA¹
Davi do Socorro Barros BRASIL²

RESUMO: O presente trabalho discutiu as contribuições da Psicologia Ambiental para as pautas ambientais da atualidade a partir de uma revisão de literatura. Os comportamentos humanos são a base dos problemas vivenciados nesse âmbito. Logo, a psicologia tem papel fundamental em parceria com a educação ambiental para apresentar estratégias de conscientização e modificação do comportamento ambiental. A revisão de literatura realizada aconteceu a partir da Plataforma do Periódicos CAPES com artigos publicados nos últimos 10 anos com os descritores “Psicologia Ambiental” e “Problemas Ambientais”. Entre os 126 artigos encontrados, 12 artigos foram selecionados para compor a discussão teórica da pesquisa. Os artigos trataram de temas como permacultura, comportamentos pró-ambientais e percepção ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia ambiental. Comportamento ambiental. Problemas ambientais.

RESUMEN: *El presente trabajo discutió las contribuciones de la psicología ambiental a las pautas ambientales actuales. Para esto, fue utilizado una revisión de literatura. El comportamiento humano es la base de los problemas ambientales. La psicología tiene un papel fundamental en asociación con la educación ambiental para presentar estrategias para modificar el comportamiento ambiental. La revisión de la literatura fue realizada en la Plataforma de publicaciones periódicos CAPES con artículos publicados en los últimos 10 años con los descriptores "Psicología ambiental" y "Problemas ambientales". Entre los 126 artículos encontrados, fueron seleccionados 12 artículos para componer la discusión teórica. Los artículos trataron temas como la permacultura, el comportamiento ambiental y la percepción ambiental.*

PALABRAS CLAVE: *Psicología ambiental. Comportamiento ambiental. Problemas ambientales.*

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – PA – Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência e Meio Ambiente. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5414-127X>. E-mail: <mailto:isaac.pereira.oliveira.io@gmail.com>

² Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – PA – Brasil. Professor Associado 1 do Programa de Pós-graduação em Ciência e Meio Ambiente. Doutorado em Química (UFPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1461-7306>. E-mail: dsbbrasil18@gmail.com

ABSTRACT: *This study discusses the contribution of environmental psychology to environmental problems. The human behavior is the principal reason involved in ambiental problems. So, the psychology and environmental education have a fundamental role to present strategies to change the environmental behavior. This literature review occurred in CAPES periodic platform with articles published in the last ten years. This research used the descriptors: “environmental psychology” and “ambiental problems”. 126 articles were found and 12 articles were selected to compose the theoretical discussion. These articles presented subjects like: permaculture, environmental behavior and environmental perception.*

KEYWORDS: *Environmental psychology. Environmental behavior. Environmental problem.*

Introdução

Os problemas ambientais são um dos temas mais debatidos na contemporaneidade. Incentivar a mudança de hábitos, conscientizar a população e estimular a adoção de comportamentos pró-sustentabilidades são alguns dos principais desafios enfrentados.

Quando se parte da compreensão de que os problemas ambientais surgem dos efeitos adversos de comportamentos humanos, a psicologia entra como uma importante área de estudo à medida que essa é a área que estuda os comportamentos, pensamentos, sentimentos e motivações dos seres humanos. Dessa forma, as contribuições da Psicologia Ambiental tornam-se cruciais para o debate contemporâneo sobre problemas ambientais.

A Psicologia Ambiental surge na década de 50 e tem como objeto de estudo as relações entre o homem e o seu entorno. Na atualidade, os objetivos das pesquisas versam sobre a necessidade de desenvolver uma relação harmônica que resulte simultaneamente em bem-estar humano e sustentabilidade ambiental (WIESENFELD, 2005).

Entretanto, as discussões atuais sobre os impactos ambientais evidenciam a desarmonia entre o comportamento humano e o meio ambiente. O fortalecimento da globalização e do capitalismo industrial se aliam a cultura da descartabilidade e do desperdício, o que entra em contraposição a noção de sustentabilidade.

A educação pode ser um fator que gera transformação na sociedade a partir da formação cidadã e da reflexão crítica. Assim, a Educação Ambiental surge como alternativa a partir da intensificação dos problemas ambientais e da identificação das deficiências nos processos de formulação de políticas públicas (PÁDUA; SÁ, 2002).

O comportamento ecológico é considerado complexo e multideterminado. Os avanços dos estudos na área de Educação Ambiental têm ampliado o interesse em compreender o que leva o ser humano a adotar práticas sustentáveis e pró-ambientais. Aponta-se que mesmo que o indivíduo tenha valores pró-ambientais, é possível que ele não aja em congruência com eles.

Assim, a Psicologia Ambiental e a Educação Ambiental são aliadas, à medida que a primeira auxilia na compreensão dos entraves existentes na relação homem-ambiente (RAYMUNDO; KUHNEN, 2010).

Portanto, a Psicologia Ambiental tem se debruçado sobre o desenvolvimento de programas que fortaleçam atitudes ecológicas, levando em consideração a presença de crenças e percepções que compõem a dimensão cognitiva e afetiva do indivíduo.

Dessa forma, a Psicologia Ambiental pode contribuir para a formação de subjetividades que adotem atitudes pró-ambientais e ecológicas. Tais mudanças são fundamentais para reduzir as consequências dos problemas ambientais já vivenciados e evitar maiores agravos no futuro (RAYMUNDO; KUHNEN, 2010).

O presente artigo discute por meio de uma revisão de literatura de artigos dos últimos 10 anos as contribuições da Psicologia Ambiental sobre a questão dos problemas ambientais. A pesquisa foi desenvolvida na plataforma do Periódicos CAPES com os descritores: “Psicologia Ambiental” e “problemas ambientais”. Os artigos selecionados foram discutidos a partir de categorias de análise, que são: Permacultura, comportamento pró-ambiental e percepção ambiental.

Considera-se que compreender os fatores que influenciam os comportamentos pró-ambientais auxilia na construção de intervenções no campo da educação ambiental. Além disso, promover o diálogo entre Psicologia Ambiental e Educação Ambiental é fundamental para aumentar os impactos das ações em prol da sustentabilidade em toda a sociedade.

Metodologia

A plataforma selecionada foi Periódicos CAPES, devido a inclusão dentro dela de diversas bases de dados, tais como Scielo e Pepsico. Portanto, nessa única plataforma estão inseridas as principais fontes para pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

Os descritores utilizados foram: “psicologia ambiental” e “problemas ambientais”. Os critérios de inclusão na pesquisa foram: 1) Tratar de pesquisas teóricas ou aplicadas com assuntos pertinentes a área da Psicologia sobre os problemas ambientais; 2) Abordar o papel da psicologia diante dos problemas ambientais; 3) Ser artigo ou resumo expandido; 4) Estar escrito em português.

Os critérios de exclusão foram: 1) Não abordar os problemas ambientais; 2) Tratar de uma pesquisa de outra área do conhecimento que aborde aspectos relacionados a Psicologia; 3)

Ser capítulos de livros, teses ou dissertações; 4) Não ter resumo ou artigo completo disponível na base de dados que foi utilizada para a pesquisa.

A primeira etapa da pesquisa aconteceu através da busca por meio dos descritores. A segunda etapa foi a seleção de artigos baseados nos critérios de inclusão e exclusão. Após a seleção dos artigos, foram realizadas as leituras dos artigos a fim de extrair as principais ideias e estabelecer comparativo entre eles.

Para a análise dos artigos, foi utilizado como critério: 1) relevância do estudo; 2) enfoque em aspectos comportamentais e psicológicos envolvidos nos problemas socioambientais; 3) Relação entre psicologia e educação ambiental; 4) Discussões sobre possibilidade de intervenções da psicologia ambiental.

Resultados e discussões

Foram encontrados 126 artigos a partir da pesquisa direcionada para os últimos 10 anos. Ao final, foram selecionados 12 artigos com base nos critérios de inclusão e exclusão citados na metodologia.

Segue abaixo a Tabela 1 com a lista de artigos:

Tabela 1 - Artigos selecionados fonte: Os autores (2020)

	AUTOR	TEMA
1	(DINIZ, 2016)	A visão da Psicologia Ambiental sobre a Permacultura
2	(IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014)	Comportamentos pró-ambientais
3	(BECK; PEREIRA, 2012)	Comportamentos pró-ambientais em estudantes de administração
4	(PINHEIRO <i>et al.</i> , 2011)	Comportamentos pró-ambientais em estudantes de administração
5	(CRUZ; IGLESIAS, 2017)	Estratégias de comunicação pró-ambiental
6	(AFONSO <i>et al.</i> , 2016)	Consciência ambiental, comportamento pró-ambiental e qualidade do gerenciamento dos resíduos em serviços de saúde

7	(KUHNNEN; BECKER, 2010)	Preocupação ambiental e consumo responsável
8	(DEUS; AFONSO; AFONSO, 2014)	Consciência ambiental e uso de sacolas plásticas
9	(CRUZ; SILVA; ANDRADE, 2016)	Representações sociais dos recursos hídricos
10	(DA SILVA <i>et al.</i> , 2015)	Comportamento pró-ambiental e Educação Ambiental
11	(CÔRTEZ; MORETTI, 2013)	Consumo verde
12	(RIBEIRO, 2018)	Percepção ambiental de gestores de áreas verdes

Fonte: elaborada pelos autores.

As categorias de análise utilizadas foram as seguintes 1. Permacultura; 2. Comportamento pró-ambiental; 3. Percepção ambiental. No tópico discussão, os artigos foram interrelacionados para que semelhanças e divergências fossem discutidas.

Permacultura

O artigo 1 (DINIZ, 2016) versa sobre o conceito de Permacultura e a relação do tema com o estilo de vida sustentável a partir da visão da Psicologia Ambiental. A “revolução verde” ocorreu no Século XX, quando os avanços científicos permitiram o uso de propriedades químicas e biológicas para fins de aumento de colheita, o que gerou o aumento da utilização de agrotóxicos (NODARI; GUERRA, 2015).

Na atualidade, a noção de estilo de vida sustentável engloba três aspectos: predisposições, repercussões psicológicas e comportamentos. As predisposições referem-se a determinantes que antecedem o comportamento, como visões de mundo, crenças, desejos e intenção. As repercussões psicológicas são benefícios individuais da adoção de práticas sustentáveis, como a sensação de felicidade e bem-estar em pessoas que adotam comportamentos pró-ambientais, que é apontada por alguns estudos. A dimensão comportamental remete a atitudes deliberadas e efetivas que visam a redução de impactos degradantes sobre o meio ambiente. Inserem-se, por exemplo, a redução de padrões consumistas e práticas de cooperação (DINIZ; 2016).

A Permacultura foi desenvolvida por Bill Molison na Austrália e tem como característica a visão holística e baseada na sustentabilidade dos recursos naturais. Esse modelo preza pela otimização da produção e conservação da natureza (NODARI; GUERRA, 2015).

A permacultura é uma prática sustentável que mescla ideias tradicionais e inovadoras no campo da agricultura com ênfase na visão de futuro e na possibilidade de solidariedade entre gerações. A ética da Permacultura se sustenta em três pilares: cuidado com o planeta terra e com todas as espécies de seres vivos; cuidado com as pessoas, no sentido de oferecer condições básicas de alimentação, educação e trabalho; cuidado com a distribuição do tempo, dinheiro e materiais para atingir os outros dois aspectos supracitados (DINIZ; 2016).

Verifica-se que a Permacultura é uma proposta de estilo de vida sustentável que dialoga com as propostas da Psicologia Ambiental. Isso possibilita o equilíbrio na relação que o homem estabelece com o ambiente (DINIZ; 2016).

Comportamento pró-ambiental

O artigo 2 discute as barreiras psicológicas existentes para a adoção de um consumo responsável por meio de uma pesquisa que avaliou 272 participantes de ambos os sexos. As barreiras investigadas foram: embotamento ambiental, falta de controle comportamental, incerteza, negação, relutância, conflito de metas, comparação social, falta de identificação com a comunidade, tokenismo, hábitos, risco percebido e viés otimista (IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014).

O embotamento ambiental envolve o acesso a grande número de informações ao mesmo tempo, o que acaba por gerar a tendência de que a maior parte dos conteúdos sejam descartados e ignorados. (IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014).

A falta de controle comportamental percebido e a incerteza correspondem a crenças de que a contribuição individual não pode competir com o que acontece na coletividade. Já a negação funciona como um mecanismo de defesa utilizado para proteção diante de situações de desconforto. Diante disso, alguns indivíduos podem apresentar tendência a racionalizar ou intelectualizar o debate sobre problemas ambientais. Além disso, ignorância e incerteza também podem produzir a negação dos problemas existentes (IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014).

A relutância versa sobre a tendência a reagir negativamente a imposições que parecem cercear a liberdade de escolha do sujeito. O conflito de metas refere que ações pró-ambientais podem gerar sacrifícios individuais (IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014). Por exemplo,

muitos indivíduos preferem o uso de carro para deslocamento devido ao conforto e a insegurança das cidades (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2009).

A comparação social diz respeito a influência de outras pessoas no engajamento em comportamentos pró-ambientais. Quando o indivíduo percebe seu esforço individual como significativamente maior que o de outras pessoas, ele pode ficar desmotivado. Outra barreira psicológica é a falta de identificação com a comunidade, que reduz a sensação de apego ao lugar. Essa concepção dialoga com a noção de apropriação de espaço, como uma necessidade humana de demarcar e apropriar-se do seu território (IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014).

O tokenismo acontece através de pequenas concessões feitas pelo sujeito que escondem outros comportamentos que trazem mais efeitos danosos ao meio ambiente. Os hábitos também são uma barreira psicológica à medida que demarcam a tendência a repetição. Outro aspecto está ligado ao risco percebido, tendo em vista a percepção de riscos potenciais e dificuldades no processo de mudança (IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014).

Já o viés otimista corresponde a perspectivas extremas, que tendem a fatalizar os problemas existentes ou minimizá-los. As duas formas de lidar com a questão ambiental podem gerar inércia e conformismo (IGLESIAS; CALDAS; RABELO, 2014).

O artigo 3 desenvolveu uma pesquisa sobre os valores envolvidos no processo de decisão de compra e preocupação ambiental. Foram avaliadas 33 entrevistas aliadas a técnicas projetivas. Foi discutido que a sociedade contemporânea é ambivalente quanto a questão do consumo. Os debates sobre degradação ambiental e redução de consumo coexistem com noções que reforçam o imediatismo, individualismo e a busca pelo prazer através do consumo. (BECK; PEREIRA, 2012).

O artigo 4 (PINHEIRO *et al.*, 2011) apresentou uma pesquisa que avaliou os comportamentos pró-ambientais em estudantes de administração por meio de duas escalas: escala de preocupações com as consequências ambientais de Schultz (2001) e a escala de motivos pró-ambientais de Thompson e Barton (1994).

A importância de disseminar ideias sustentáveis em cursos de administração seria o impacto em futuros gestores, gerando sensibilização desde a formação para que haja maior alinhamento das empresas com as causas ambientais (PINHEIRO *et al.*, 2011).

Porém, sabe-se que por mais que haja um reconhecimento das causas ambientais, não necessariamente isso se converte em ações pró-ambientais. Alguns estudos abordam que há dois tipos de motivos por trás de comportamentos sustentáveis, são: antropocêntricos ou ecocêntricos. O primeiro enfoca nos benefícios que o ambiente traz para o ser humano e o segundo defende a natureza por ela mesma (PINHEIRO *et al.*, 2011).

Há também três preocupações distintas, que são a egoísta, altruísta ou biosférica. A egoísta se caracteriza pelo foco voltado para si mesmo, a altruísta para o outro e a biosférica para a natureza (PINHEIRO *et al.*, 2011). A motivação ecocêntrica geralmente se associa a preocupação altruísta (BECK; PEREIRA, 2012).

A compreensão sobre quais motivos e preocupações estão associados a um maior engajamento em comportamentos pró-ambientais oferece direcionamentos para a Educação Ambiental à medida que possibilita desenvolver propostas pedagógicas que incentivem tais modificações e preocupações nos alunos. Segundo os resultados obtidos com a aplicação das escalas, a preocupação biosférica está correlacionada positivamente a motivações ecocêntricas e ao aumento de frequência que comportamentos que favorecem o meio ambiente (PINHEIRO *et al.*, 2011).

O artigo 5 discute as influências dos cartazes nos comportamentos pró-ambientais. Destaca-se que ainda são muito utilizadas frases de efeito baseadas no senso comum sobre o comportamento humano. Algumas características que contribuem para a inefetividade dessa prática, como por exemplo: “Informação insuficiente, instruções difíceis de compreender, uso de linguagem distante do senso comum e outras características tornam impossível prever o tipo de ação que uma pessoa adota após ler um cartaz” (CRUZ; IGLESIAS, 2017, p. 307)

Alguns fatores considerados de sucesso para a comunicação persuasiva são:

o local em que é afixado, o tipo de comportamento veiculado e o tom da mensagem, por exemplo, já derivaram as recomendações de apresentar comportamentos específicos, em local próximo à sua ocorrência e em formato polido, de forma a não ameaçar a liberdade pessoal (CRUZ; IGLESIAS, 2017, p. 307)

O *framing* é uma técnica que descreve as consequências de uma decisão, pode frisar o lado positivo ou negativo. O uso do *framing* possibilita incitar a percepção sobre o impacto ambiental realizado (CRUZ; IGLESIAS, 2017). O *Framing* se baseia na Teoria das Perspectivas, que aponta que o ser humano toma decisões a partir de uma comparação entre ganhos e perdas. Entretanto, a percepção do indivíduo é influenciada pela forma como a comunicação é configurada (VALÉRIO DO SACRAMENTO *et al.*, 2014).

É mais recomendado o uso do *framing* positivo para incentivar comportamentos pró-ambientais. Quando o *framing* negativo for utilizado, é preferível abordar uma prática alternativa, logo:

a mensagem deve conter informação que comprove a eficácia de uma alternativa, bem como argumentos de que o indivíduo é capaz de adotar o

comportamento sugerido. Se uma mensagem falhar em ressaltar tanto os meios, quanto a capacidade do indivíduo, a tentativa produz justamente o contrário de seu objetivo (CRUZ; IGLESIAS, 2017, p. 313).

Quando o *framing* aponta uma consequência catastrófica para a humanidade, ocorre a tendência de os indivíduos desenvolverem como forma de autoproteção a crença de que é um futuro distante e que eles não têm capacidade para mudar (CRUZ; IGLESIAS, 2017).

Muitos cartazes com *framing* positivo apontam para argumentos ecocêntricos, sendo que a exposição do cartão deve estar em consonância com as motivações dos indivíduos para aumentar a efetividade. Logo, poderiam ser incluídas argumentações antropocêntricas e ecocêntricas ou serem desenvolvidas pesquisas sobre qual motivação é predominante para aquele público (CRUZ; IGLESIAS, 2017).

Outros conceitos utilizados nesse campo são o controle comportamental e o *locus* de controle que propõem a inclusão de incentivos para a emissão do comportamento desejado. Porém, a percepção do indivíduo sobre ter o controle de seu comportamento aumenta as chances de adotar o comportamento pró-ambiental. O *locus* de controle refere-se a um fator de personalidade (CRUZ; IGLESIAS, 2017).

Alguns estudos investigaram a relação entre preocupação ambiental e tipos de *framing*. Algumas variáveis investigadas permitiram concluir que

quando a preocupação a respeito da mudança climática global é baixa, a probabilidade de votar uma lei que apoie iniciativas sustentáveis, a compra de produtos ambientalmente amigáveis e a prática do consumo ambientalmente sustentável é maior quando uma mensagem é enquadrada de forma negativa (VALÉRIO DO SACRAMENTO, 2014, p. 192).

O artigo 6 versa sobre uma pesquisa descritiva com 154 participantes que avaliou o estado da consciência ambiental, do comportamento pró-ambiental e da qualidade do gerenciamento dos resíduos em serviços de saúde. Os resíduos sólidos tem se mostrado um problema no âmbito mundial devido ao descarte inadequado (AFONSO *et al.*, 2016).

A partir do embasamento na Teoria do Comportamento Planejado é possível identificar crenças que influem no comportamento pró-ambiental e na questão dos resíduos sólidos (AFONSO *et al.*, 2016). A Teoria do Comportamento planejado aponta a existência de fatores psicológicos complexos que geram efeitos nas ações dos indivíduos (CHIERRITO-ARRUDA *et al.*, 2018).

Percepção ambiental

O artigo 7 discute a representação quanto ao uso de recursos hídricos por jovens e adultos. Nesse estudo, foi debatido o tema da percepção ambiental e o consumo de água. As principais representações sobre a água que apareceram foram: ser essencial para o presente e para o futuro; manutenção da sobrevivência (KUHNNEN; BECKER, 2010).

O artigo 8 descreveu as atitudes e crenças ambientais de 274 estudantes de uma instituição de ensino superior para que fosse estabelecido relações com o uso de sacolas plásticas. Tal estudo apontou a relação positiva entre consciência ambiental e uso de sacolas plásticas (DEUS; AFONSO; AFONSO, 2014).

A realidade humana é estruturada a partir de significações socialmente construídas. As características pessoais, culturais e sociais são mediadores da captação e das interpretações sobre o mundo. O processo de seleção e organização dos estímulos ambientais culmina em uma apropriação ativa do ambiente, ocorrendo tomadas de decisão e ações (KUHNNEN; BECKER, 2010).

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida por Moscovici na França na década de 60. Essa teoria explica os processos de construção de ideias e crenças sobre objetos sociais. As representações sociais são teorias do senso comum que são dinâmicas e dialogam entre si (MORAES *et al.*, 2014).

É possível citar algumas características das representações sociais como: serem comuns a um grupo de pessoas e nascerem de interações sociais e acontecimentos históricos e individuais. Logo, as representações sociais são sistemas de valores e práticas que estão relacionadas a um meio social, período e localidade. Tais sistemas influem na interpretação e significação dos estímulos (MORAES *et al.*, 2014).

O artigo 9 discute a percepção ambiental de alunos de ensino fundamental de uma escola pública localizada no Piauí. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de um questionário com 129 alunos do 6º ao 9º ano. Destaca-se que as percepções dos alunos encontradas reforçam a necessidade de implantação de debates sobre os problemas ambientais (CRUZ; SILVA; ANDRADE, 2016).

O artigo 10 apresenta uma pesquisa que ocorreu com estudantes e professores de um Instituto Federal de Educação. O objetivo desse estudo foi a identificação da relação entre a percepção sobre as aulas de Educação Ambiental e os comportamentos pró-ambientais (DA SILVA *et al.*, 2015).

A percepção se divide em percepção visual e informacional. A percepção visual significa o ato de visualizar um objeto, ocorrendo de forma automática. Já a percepção informacional é o processo de atribuição de sentidos ao objeto (CRUZ; SILVA; ANDRADE, 2016).

O artigo 11 aborda uma pesquisa realizada no Brasil, Chile, Argentina, Portugal e Espanha. A pesquisa discute as percepções dos indivíduos sobre o consumo verde e suas motivações. Foi observado que cada país apresenta percepções distintas (CÔRTEZ; MORETTI, 2013).

O artigo 12 apresentou um estudo sobre a percepção ambiental de gestores sobre as áreas verdes de uma instituição de ensino superior. A pesquisa ocorreu através de uma entrevista e aplicação de um questionário. Foi verificado que as áreas verdes têm sido cada vez mais valorizadas. Elas também funcionam como habitats para animais e são reconhecidas como forma de melhorar a qualidade de vida das pessoas (RIBEIRO, 2018).

A percepção é a primeira fase do conhecimento, pois implica no conhecimento da existência dos problemas ambientais, mas pode existir desconhecimento das origens e formas de enfrentamento. No estudo em questão, foi observado que os gestores possuem conhecimento sobre as causas ambientais e gestão de áreas verdes (RIBEIRO, 2018).

Discussão

Os principais fatores psicológicos citados pelos artigos foram motivações, preocupações e percepção ambiental. Foi apresentado que quando há motivações ecocêntricas e preocupações ecológicas há maior probabilidade de o indivíduo manifestar atitudes pró-ambientais (PINHEIRO *et al.*, 2011).

Outra questão importante, é a necessidade de identificação de quais as percepções ambientais predominantes de um público-alvo antes de desenvolver alguma intervenção que vise o aumento de frequência de comportamentos pró-ambientais, especialmente em casos de *framing*. Entretanto, os cartazes com *framing* positivos e negativos ainda são consideradas pouco efetivos (CRUZ; IGLESIAS, 2017).

Algumas divergências encontradas nos estudos foram a ênfase educacional, enquanto outros denotavam que a informação já está presente no meio social. Logo, a conscientização não é o fator determinante que levaria a pessoa a adotar comportamentos pró-ambientais, mas se faz necessário aliar outras estratégias para obtenção do resultado esperado (CRUZ; IGLESIAS, 2017).

A permacultura pode ser apontada como uma proposta de prática sustentável que é alternativa diante do contexto de crise socioambiental. A permacultura refere-se a um modelo de agricultura que se distingue do tradicional que surgiu no Século XIX, que introduziu produtos químicos no processo de cultivo. No Século XX com o advento da “Revolução Verde” houve aparecimento de novos tipos de trigos mais resistentes a agrotóxicos. A permacultura vai em contraposição a esse movimento por propor a ausência de produtos tóxicos e o resgate de técnicas pré-industriais de plantio e de saneamento (CESAR; ALFINITO, 2018).

Os estudos mostram que se faz necessário desenvolver uma visão mais ecocêntrica e biocêntrica no cuidado com a natureza. Por outro lado, mesmo os discursos ministrados em defesa de comportamentos pró-ambientais tendem a ressaltar os benefícios para as gerações futuras e para a manutenção da espécie humana, o que se caracteriza como visão antropocêntrica (BOMFIM; FERREIRA, 2010).

Destaca-se que a ética antropocêntrica foi o que trouxe o ser humano para a situação atual de degradação ambiental. Assim, quando ocorre a reprodução da mesma linha de raciocínio, torna-se difícil mudar o paradigma para possibilitar a adoção de novas práticas sustentáveis (BOMFIM; FERREIRA, 2010).

A sustentabilidade enfatiza a necessidade de sair do discurso utilitário sobre a natureza. A partir disso, emergirão relações mais justas e solidárias entre homem e meio ambiente (CESAR; ALFINITO, 2018). O momento atual é de mudanças de paradigmas, tendo em vista que cada paradigma constrói uma estrutura de relações em seu entorno. A sociedade contemporânea se sustenta através de uma cultura altamente marcada por uma visão antropocêntrica. Para que isso se altere, é necessário fortalecer novos paradigmas baseados na cooperação (BOMFIM; FERREIRA, 2010).

Para isso, destaca-se o papel da educação, desde a escola, de modo a promover valores ecológicos e sustentáveis. Aponta-se que a escola é uma forma de preparação do indivíduo para a vida e deve auxiliar no desenvolvimento da sociedade (FERREIRA, 2019).

Considerações finais

Os problemas ambientais são uma pauta mundial. É consenso na literatura que os problemas ambientais têm origem no comportamento humano que degrada o meio ambiente. Dessa forma, a Psicologia Ambiental e a Educação Ambiental são disciplinas que auxiliam na compreensão desse fenômeno.

O presente trabalho alcançou os objetivos estipulados ao gerar reflexões sobre as contribuições da Psicologia Ambiental. Aponta-se que os estudos sobre percepção ambiental, motivações e preocupações que aumentam o engajamento dos indivíduos em comportamentos pró-ambientais mostraram algumas possibilidades de intervenção para esse campo.

A articulação teórica entre o campo da Psicologia Ambiental e Educação Ambiental foi uma contribuição tecida por esse trabalho. Logo, conclui-se que esses dois campos podem trabalhar em conjunto na promoção de comportamentos pró-ambientais e percepções ambientais que favoreçam o engajamento em práticas sustentáveis.

REFERÊNCIAS

AFONSO, T. ZANON, M. A. G., LOCATELLI, R. L.; AFONSO, B. P. D. Consciência Ambiental, Comportamento Pró-Ambiental e Qualidade de Gerenciamento de Resíduos em Serviços de Saúde. **Rev. Gest. Ambient. Sustentabilidade**, São Paulo, v. 5, n. 3, 2016. Disponível em: <http://www.revistageas.org.br/ojs/index.php/geas/article/view/631>. Acesso em: 28 out. 2019.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **A report by the american psychological association's task force on the interface between psychology and global climate change**. 2009 Disponível em: <https://www.apa.org/science/about/publications/climate-change.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

BECK, C. G.; PEREIRA, R. C. F. Preocupação ambiental e consumo consciente: os meus, os seus e os nossos interesses. **Revista GeAS**, v. 1, n. 2, p. 53-79, 2012.

BOMFIM, Z. A. C.; FERREIRA, F. Sustentabilidade Ambiental: visão antropocêntrica ou biocêntrica? **Ambientalmente sustentável**, v. 1, p. 37-51, 2010.

CEZAR, C.E. F. S.; ALFINITO, S. A permacultura como inovação social para o desenvolvimento sustentável e adoção do decrescimento. **Revista humanidade e inovação, Palmas**, v. 5, n. 6, p. 86-102, 2018.

CHIERRITO-ARRUDA, E. *et al.* Comportamento pró-ambiental e reciclagem: revisão de literatura e apontamentos para as políticas públicas. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 21, e02093, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2018000100324&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 22 nov. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0209r3vu1814ao>

CORTÊS, P. L.; MORETTI, S. L. A. Consumo verde: um estudo transcultural sobre crenças, preocupações e atitudes ambientais. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 12, n. 3, p. 45-76, 2013.

CRUZ, L. A. G.; IGLESIAS, F. Comunicação pró-ambiental. 307. **Psico**, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 306-316, 2017.

CRUZ, F. C. F.; SILVA, M. F. S.; ANDRADE, I. M. Percepção socioambiental dos alunos de ensino fundamental de uma escola municipal de Caxingó, Piauí, Brasil. **Holos**, Ceará, v. 4, 2016.

DA SILVA, A. M.; MEIRELES, F. R. S.; REBOUÇAS, S. M. D. P.; ABREU, M. C. S. Comportamentos ambientalmente responsáveis e sua relação com a educação ambiental. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 4, n. 1 p. 1-16, 2015.

DEUS, E. G. S. Q.; AFONSO, B. P. D.; AFONSO, T. Consciência ambiental, atitudes e intenção de uso das sacolas plásticas não-recicláveis. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 3, n. 1, p. 71-87, 2014.

DINIZ, R. F. Permacultura como um estilo de vida sustentável: o olhar da psicologia ambiental. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 106-118, jun. 2016. ISSN 1807-1384. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2016v13n2p106>. Acesso em: 18 out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2016v13n2p106>

FERREIRA, G. R.; RIBEIRO, P. R. M. A importância da afetividade na educação. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 88-103, fev. 2019. ISSN 2594-8385. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/12003/8647>. Acesso em: 18 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v21i1.12003>

IGLESIAS, F., CALDAS, L. S., RABELO, L. A. T. Negando ou Subestimando Problemas Ambientais: Barreiras Psicológicas ao Consumo Responsável. **Psico**, Rio Grande do Sul, v. 45, n. 3, p. 377-386, 2014.

KUHNEN, A.; BECKER, S. M. S. Psicologia e Meio Ambiente: Como jovens e adultos representam água de abastecimento. **Psico**, Rio Grande do Sul, v. 41, n. 2, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1508>. Acesso em: 28 out. 2019.

MORAES, P. R. *et al.* A teoria das representações sociais. **Direito em foco revista online**, v. 6, p. 17-30, 2014.

NODARI, R. O.; GUERRA, M. P. A agroecologia: estratégias de pesquisa e valores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 183-207, abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000100183&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 nov. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142015000100010>.

PÁDUA, S. M.; SÁ, L. M. O Papel da Educação Ambiental nas Mudanças Paradigmáticas da Atualidade. **R. paran. Desenv.**, Curitiba, n. 102, p. 71-83, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.reasul.org.br/files/O%20PAPEL%20DA%20EDUCAÇÃO%20AMBIENTAL%20NAS%20MUDANÇAS.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.

PINHEIRO, L. V. S. *et al.* Transformando o discurso em prática: uma análise dos motivos e das preocupações que influenciam o comportamento pró-ambiental. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 83-113, jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-

69712011000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2019. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712011000300005>

RAYMUNDO, L. S.; KUHNEN, A. A psicologia e a educação ambiental. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 44, n. 2, p. 435-450, abr. 2010. ISSN 2178-4582. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2010v44n2p435/20918>. Acesso em: 06 out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2010v44n2p435>

RIBEIRO, V. A. Percepção Ambiental de Gestores Sobre as Áreas Verdes em Instituição de Ensino Superior. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.revistageas.org.br/ojs/index.php/geas/article/view/717>. Acesso em: 28 out. 2019.

SCHULTZ, P. W. The structure of environmental concern: concern for self, other people and the biosphere. **Journal of Environmental Psychology**, Thousand Oaks, CA, v. 21, n. 4, p. 327-339, 2001.

THOMPSON, C. G.; BARTON, M. A. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. **Journal of Environmental Psychology**, Thousand Oaks, CA, v. 14, n. 2, p. 149-157, 1994.

VALÉRIO DO SACRAMENTO, S. R.; GALVÃO, R. A.; FREIRE, O. B. L.; MOLL BRANDÃO, M.; QUEVEDO-SILVA, F. O efeito da consciência ecológica e do framing de perda e ganho no comportamento do consumidor **Revista de Administração da Unimep**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 184-206, 2014.

WIESENFELD, E. A Psicologia Ambiental e as diversas realidade humanas. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 53-69, 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772005000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2019.

Como referenciar este artigo

OLIVEIRA, I. P.; BRASIL, D. do S. B. Psicologia ambiental e problemas ambientais: uma revisão de literatura. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 108-122, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v22i1.13735>

Submetido em: 28/03/2020

Aceito em: 26/05/2020

Publicado em: 01/06/2020